



AS INCERTEZAS DA RUA

Uma profissão marcada
pelo imprevisto

TEXTO | ARY JÚNIOR
FOTOS | DELMAR COSTA e TARLIS SCHNEIDER

DELMAR COSTA



TARLIS SCHNEIDER



Para os taxistas, a fé é a única proteção contra a insegurança

Poucos lugares no Rio Grande do Sul possuem um ambiente com tantas histórias como a Rodoviária de Porto Alegre. Estrategicamente instalada na saída da cidade, ou entrada, dependendo da procedência, a estação Rodoviária recebe, diariamente, milhares de passageiros. Gente chegando, gente partindo, encontros e despedidas.

Para atender essa demanda, uma frota de táxi com 386 carros é responsável pelo deslocamento dos passageiros. Desses motoristas, doze são mulheres. Segundo o fiscal de táxi da rodoviária, João Rodrigo, histórias inusitadas e trágicas não faltam, ainda mais para uma categoria que, em Porto Alegre, tem 4.500 trabalhadores registrados.

Contudo, essa é uma profissão cheia de riscos, rotineirizada principalmente pelo destino. Cinco profissionais foram mortos somente este ano. Sem mencionar os assaltos. Na Rodoviária, por ser um ponto de muito movimento, todos os taxistas já passaram por uma situação fora do comum.

Entre eles, João Pedro*, 53 anos, que trabalha no ponto há 20 anos. Durante esse tempo, João Pedro vivenciou cenas que não esquecerá tão cedo. Ele é casado, tem três filhos, e no seu semblante carrega a seriedade de um pai de família. O taxista relata um dos momentos mais tensos de sua vida, quando achou que não teria mais chances de viver. Um momento de extrema frieza e crueldade.

Foi no ano passado, em uma sexta-feira como outra qualquer. Por volta das 16h30min, João Pedro esperava mais um passageiro no ponto, cumpria seu cronograma profissional. Então, avistou um casal, acompanhado de um amigo, bem vestidos, vindo em sua direção. Entraram rapidamente no seu Fiat uno e solicitaram uma corrida.

Durante o trajeto, João Pedro disse que não suspeitava de nada, pois os três conversavam tranquilamente entre eles. Não imaginava que sua vida estava por um triz. A corrida solicitada tinha como destino final a Avenida Protásio Alves, em Porto Alegre. O percurso transcorreu normalmente, e o motorista não suspeitava de nada. Pelo

contrário, estava atento ao trânsito. Afinal, preza pela prudência como o seu cartão de visita. Chegando ao local desejado, um dos passageiros, o carona que estava no banco de trás, no lado oposto do motorista, desceu e anunciou que iria "acertar a conta" com o taxista.

Nesse momento, João Pedro esperava receber o dinheiro da corrida, que não era muito. Entretanto, foi surpreendido pelo seu cliente. O passageiro, após descer do carro, sacou o revólver e o descarregou sem piedade, disparando cinco tiros no motorista.

Dos cinco tiros desferidos cruelmente, na maldade, um atingiu o braço, outro a perna, um o ombro e dois a barriga do motorista. João Pedro, duramente combalido, agonizando, ficou caído no banco, ensanguentado. Depois de atirar, o casal e seu comparsa ainda tiveram sangue frio para roubar todo dinheiro que o taxista guardava no bolso esquerdo de sua camisa.

Em questão de minutos já haviam sumido nas vielas da Avenida Protásio Alves. Todavia, por obra de Deus, o milagre havia acontecido. O taxista estava vivo, porém, muito ferido. Tinha fechado os olhos, em um lampejo de sabedoria, se fingido de morto, para não morrer. Desse modo, com uma força sobrenatural, João Pedro ainda esperou alguns minutos, até certificar-se que os ladrões não estavam por perto. Ligou o carro e, mesmo ferido, se diri-

giu à Santa Casa de Porto Alegre.

No caminho, apesar de tudo, agradecia à Deus por estar vivo. Até hoje ele carrega no corpo as marcas dos tiros, a prova dessa história. Não foi a primeira vez que o taxista foi assaltado. Devido à falta de segurança, com esse somam-se cinco assaltos. Embora, evidentemente, este episódio tenha sido o mais violento que ele já passou. Após o ocorrido, o taxista permaneceu vinte dias internado no hospital e quatro meses parado, em recuperação. Ele tem consciência que nasceu de novo, que está vivo por obra de um milagre.

No entanto, quando questionado se sente medo da insegurança da profissão, dos riscos, afirma: "Não tenho medo, pois esse é o meu trabalho, é meu ganha pão. Com o táxi que sustento minha família". João Pedro segue trabalhando, na Rodoviária, ancorado pela fé.

Assim como a história de João Pedro, outros relatos de assalto não faltam. José Voltair, 58 anos, trabalha há oito anos no ponto da Rodoviária e também já foi assaltado cinco vezes. A situação mais inusitada ocorreu quando os ladrões o colocaram no porta-mala de seu táxi. Na profissão, Voltair diz que todos os taxistas, infelizmente, estão sujeitos a isso, pois, segundo ele, a insegurança está em todo lugar.

"É normal estarmos conversando na Rodoviária, daí

TARLIS SCHNEIDER



Depois de quatro meses parado, João Pedro voltou à rotina das ruas

um de nós vai fazer uma corrida e, depois de um tempo, chamam no rádio dizendo que alguma coisa aconteceu.”

Durante o tempo que está nas ruas, como taxista, Voltair diz que já perdeu muitos amigos. Ele conta que todo mundo que trabalha na rua tem medo, devido à insegurança. Ressalta, porém, que gosta muito do que faz.

Um caso de amor

Mesmo com muitas histórias impressionantes, arriscadas, na profissão de taxista também existem histórias bonitas, de encontros, de amor. Uma delas aconteceu com o próprio taxista José Voltair. Apesar de trabalhar em uma profissão vulnerável, cheia de armadilhas, o taxista se enche de alegria quando fala de outros assuntos, principalmente da família.

O trabalhador conheceu sua esposa no trabalho. O ano era 1996, e Nara Beatriz trabalhava em um restaurante, na capital. Ela solicitava diariamente os serviços do taxista que a levava até sua casa, no final do expediente. Com o tempo, foram criando intimidade, conversando, ficando amigos. As corridas ficaram cada vez mais próximas até que um dia Voltair convidou Nara para um encontro. Nascia uma grande história de amor.

Voltair e Nara estão juntos há 13 anos, e dessa união nasceu uma filha. O taxista, ao lembrar aquele tempo, saudoso, como se estivesse passando um filme em sua cabeça, diz que deve tudo ao táxi, principalmente o seu casamento.

O mesmo sonho

Antes de terminar a conversa e pegar mais um passageiro, José Voltair faz questão de esclarecer que o táxi é sua vocação, ou seja, ele exerce sua profissão com paixão, mesmo com o cansaço, o estresse do trânsito e as incertezas da rua. Ele cumpre sua função pensando no melhor, e isso pode ser visto no interior de seu veículo, equipado com GPS, rádio PX, ar condicionado, além de impecavelmente limpo e perfumado. Tudo para oferecer um serviço qualificado, confortável, ao cliente.

Diariamente, milhares de pessoas passam pela Rodoviária de Porto Alegre. Pessoas chegando à capital para tentar uma vida melhor e outras indo atrás de seus sonhos. Em frente ao terminal rodoviário, no Largo Vespasiano J. Veppo, nº 70, uma frota gigantesca de veículos cor laranja trabalha, com afinco, dedicação, a fim de oferecer o melhor para o passageiro, levando-o, com segurança, ao destino correto.

Uma profissão de trabalhadores como João Pedro e José Voltair, cheios de vivência e com inúmeras histórias para contar. Labutadores dedicados, disciplinados, que têm um desejo em comum: voltar seguro para casa, após mais um dia de trabalho.

DELMAR COSTA



Atualmente, a Rodoviária de Porto Alegre possui uma frota com cerca de 400 carros

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Quando cheguei na Rodoviária de Porto Alegre para entrevistar taxistas que por ali trabalhavam, esperava conhecer muitas histórias. Meu primeiro contato foi com o fiscal do ponto, um jovem chamado João Rodrigo. Na conversa, em meio ao seu trabalho, ele disse que o grande movimento no local dava a dimensão da quantidade de histórias que ele já havia escutado. Naquele dia, como o horário era de grande fluxo, resolvi voltar em outro momento, mais tranquilo. Portanto, em um domingo de sol, véspera de feriadão prolongado, fui até lá para conversar com os motoristas. No ponto, constantemente em movimento, diversos taxistas exerciam sua profissão. Aos poucos, fui conversando com os taxistas que aguardavam seus passageiros no final da fila. Quer dizer, haveria um tempo para conversarmos. Depois de uma sondagem rápida, encontrei o taxista João Pedro. Gentil, porém, sério, ele relatou a história acima. Com certeza, depois do que aconteceu com ele, João Pedro não tinha tantos motivos para risos. Na sequência, tranquilo em seu carro, estava José Voltair. Um taxista com um perfil oposto, ou seja, bem-humorado, com outras histórias para relatar. Considerei a conversa com eles um belo aprendizado, um choque de realidade para aqueles que, como eu, algumas vezes, reclamam das coisas mais inúteis, sem dar valor para o mais importante: a vida simples, como ela é.

(*) O nome foi trocado